

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT05.002

TRAJETÓRIA EDUCATIVA ESCOLAR: MEMÓRIAS DE IDOSOS

Milene Vasconcelos Leal Costa¹

RESUMO

Este artigo constitui-se como um recorte da dissertação trajetória educativa escolar: memórias de idosos e teve como objetivo analisar as memórias de idosos do Lar da Providência sobre sua trajetória educativa e verificar a repercussão na vida pessoal e profissional deles. Para tanto, tem como objetivos específicos: conhecer como a trajetória escolar experiência influenciou em sua vida pessoal e profissional; analisar o processo de escolarização, conhecendo como os idosos experienciaram os trabalhos de alfabetização e descrever como as ações de educação popular desenvolvidas pelo NEP/UEPA com os idosos vêm contribuindo para a reafirmação ou resignificação das memórias destes sujeitos sobre educação, considerando as singularidades e as especificidades socioculturais dos idosos. A busca, ao que nos propomos investigar, remete-nos ao campo teórico metodológico interdisciplinar pautado em: Freire, Le Goff, Halbwachs, Thompson, Bosi, Bérqson, Delgado, Fares, Mucida. No que tange à metodologia, o estudo apresenta alguns traços da pesquisa fenomenológica e abordagem qualitativa, tendo sido utilizada como técnica de coleta de dados a entrevista semiestruturada. Os resultados sobre a memória dos idosos foram organizados em categorias. Nesses aspectos, chama a atenção a baixa escolaridade dos idosos, destacando-se que eles possuem memórias sobre a escola como uma instituição rígida, discipli-

1 Doutoranda em educação da Universidade Estado do Pará - UEPA, milenelealuepa@gmail.com;

nadora, excludente, com aspectos da educação bancária. Os idosos foram excluídos ou expulsos da escola por vários fatores, dentre os quais podemos citar: o trabalho, a pobreza, morte familiar e a longa distância. Constatamos que, apesar da rigidez do ambiente escolar, os entrevistados lembram com afeto de suas professoras. Além disso, visualizamos que essas representações sobre a escola e o trabalho docente foram ressignificadas a partir do trabalho do NEP, com sua educação dialógica e amorosa.

Palavras-chave: Memória. Idoso. Trajetória Escolar.

INTRODUÇÃO

Muito se fala do aumento significativo da população de pessoas idosas na sociedade. Porém, este tema ainda é trabalhado na área da educação como algo secundário. Por esta razão, é necessário avançarmos em pesquisas sobre os idosos e suas memórias, para que acentuemos cada vez mais o idoso enquanto sujeito ativo.

A partir do desenvolvimento econômico e social, uma das mudanças observadas é o aumento da expectativa de vida da população no Brasil. Segundo a World Health Organization (2005), a população idosa tem apresentado um crescimento elevado nas últimas décadas, sendo necessário cada vez mais atenção aos direitos e às particularidades desta população por parte da gestão pública. Em 2025, o Brasil será o sexto país do mundo com maior número de idosos.

O fato que nos instiga, hoje, é de que maneira podemos garantir a esse sujeito um envelhecimento saudável e digno, possibilitando a ele o acesso à educação, esporte e cultura, na medida em que vivemos em uma sociedade que não está preparada para dialogar com as suas peculiaridades, pois, todos os dias, nos deparamos com casos de maus tratos, no noticiário, rádio ou em nossa vizinhança. É evidente a falta de respeito de todas as maneiras, desde atitudes que parecem pequenas, como sentar em um local reservado à pessoa idosa, até os maus tratos físicos e psicológicos, fatos que vão reforçando a exclusão promovida por uma sociedade que negligencia a velhice.

É mister avaliar que a real inclusão do idoso se dará à medida que construirmos cada vez mais reflexões que nos permitam de fato desenvolver o que lhe é garantido por lei desde a chegada do Estatuto do Idoso, nos conscientizando de que ele só será incluído quando for avaliado como sujeito autônomo e ativo no mundo, independente de suas limitações psíquicas ou físicas.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa. Nessa abordagem, Teixeira (2010) argumenta que o pesquisador se aproxima de seu objeto, no sentido de reduzir a distância entre a teoria que lhe embasa e os dados. Esta abordagem usa como lógica a análise dos fenômenos. A experiência do pesquisador é um elemento importante para compreender o que se está pesquisando. Teixeira (2010, p. 137) ainda destaca que a pesquisa qualitativa se caracteriza por ser uma prática na qual o pesquisador observa os fatos como sujeito interno do espaço pesquisado. Podemos descrevê-la como uma abordagem que tem como propósito tentar compreender o contexto pesquisado, caracterizando-se como bastante flexível.

Esta pesquisa tem o enfoque fenomenológico que, segundo Kauark (2010), prevê a coleta de dados a partir de intenções sociais e sua análise a partir da compreensão do pesquisador. Desta forma não possui condições de generalização e está fortemente associado ao conhecimento filosófico.

Sobre o locus dessa pesquisa situa-se na Rua Samuca Levi, número 25, bairro Souza, Belém-PA. O corpo técnico da unidade é composto por Direção, Assistentes Sociais, Médicos, Enfermeiros, Técnicos de Enfermagem, Agentes Administrativos, Monitores, Cozinheiras e Serventes. Suas ações são coordenadas pela “Fundação Bem-Estar do Pará”. O trabalho dos monitores é de apoio às atividades instrumentais aos idosos moradores do Lar da Providência. O NEP desenvolve suas atividades nesse ambiente educacional desde 2006. Atualmente, elas ocorrem às terças-feiras, no horário de 9:00 às 11:30 da manhã.

Os sujeitos participantes desta pesquisa são 6 (seis) idosos que participam das atividades do NEP, na ILPI Lar da Providência: dona Maria, dona Josete e, seu Olindo, seu Edeimar, seu Marcos e seu José.

Os critérios de escolha dos sujeitos foram quatro: 1) Pessoas com disponibilidade e interesse em colaborar com o estudo; 2) Pessoas ligadas ao trabalho de educação popular do NEP; 3) Pessoas que ao longo de sua

vida tiveram alguma vivência de escolarização; 4) Pessoas que apresentassem capacidade cognitiva preservada.

O Procedimentos de coleta de dados foi a entrevista semi-estruturada, que foi realizada com questões que possibilitaram explicitar a memória dos idosos sobre sua trajetória escolar. Para Marcondes, Teixeira e Oliveira (2010, p. 46), a entrevista semi-estruturada consiste em “um roteiro pré-estabelecido, mas, na sua aplicação, o entrevistador pode acrescentar novas perguntas, conforme o teor da narrativa do entrevistado”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O referido Estatuto do Idoso, no art. 21, ainda assegura que o poder público é responsável por oportunizar ao idoso o acesso à educação, bem como adequar para este público todo e qualquer material didático e metodologia que permeie sua formação educacional ao longo da vida:

Art. 21. O Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados. 1º Os cursos especiais para idosos incluirão conteúdo relativo às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, para sua integração à vida moderna. 2º Os idosos participarão das comemorações de caráter cívico ou cultural, para transmissão de conhecimentos e vivências às demais gerações, no sentido da preservação da memória e da identidade culturais (BRASIL, 2003).

O Estatuto do Idoso encoraja o idoso a perceber-se como um sujeito de direitos que necessita ter suas especificidades respeitadas, a partir da adequação de propostas pedagógicas que façam parte do seu processo educacional, dialogando de fato com as demandas típicas da idade.

Nossa intenção é dialogar não **sobre**, mas **com** os idosos sobre suas memórias, reconhecendo-os como sujeitos produtores de conhecimento que, por diversos motivos, foram excluídos educacionalmente e socialmente. Torna-se relevante avaliar, portanto, a importância da educação para a vida desses idosos que tiveram ou não êxito em sua vida escola.

Essa pesquisa buscou as recordações dos idosos e teve como objetivo que suas vozes ganhassem força perante uma sociedade que, muitas vezes, cerceia o direito do idoso de ser mais no mundo. Aqui, abrimos espaço para os sorrisos afetuosos, para a afetividade e para as mãos trêmulas do avançar da idade. Cada idoso tem algo a falar sobre suas experiências de seu tempo de escolarização. Vozes individuais integram um coletivo e, juntas, falam sobre seu tempo de escolarização, de sua família, de seu trabalho e de sua condição de vida. Aqui, todas as vozes foram respeitadas: a escuta sensível serviu de suporte para analisar relatos preciosos para repensar a relação dos idosos com a nossa sociedade.

Podemos avaliar que as histórias de vida dos sujeitos da pesquisa muito se assemelham, por fazerem parte de realidades muito próximas. Esse fato é esclarecido por Marcondes, Teixeira e Oliveira (2010, p.93):

As narrativas, embora feitas por indivíduos, evidenciam mais que elementos da existência individual, pois, através delas, é possível captar as relações do narrador com os membros de seu grupo social, sua profissão, sua sociedade. Busca-se, com as histórias de vida, atingir a coletividade de que seu informante faz parte.

A memória reafirma-se enquanto dimensão individual do ser humano, contribui para a construção da memória coletiva que dialoga com a história de nossa sociedade.

Antes de analisarmos os dados construídos, convém lembrar que os idosos participantes desta pesquisa foram alfabetizados na década de 1940. Araújo (2007) destaca que a referida época foi marcada por projetos educacionais que disputavam a hegemonia, já que havia uma crença sustentada do poder de a educação escolar “moldar” a sociedade.

A educação no referido recorte histórico era desenvolvida com vistas a atender as perspectivas do sistema capitalista. As práticas pedagógicas e a realidade educacional da época eram baseadas na educação tradicional, em que o sujeito era tratado como uma folha em branco na qual o professor poderia “escrever livremente”. Basicamente, a educação era tratada como privilégio de poucos: o real interesse político da época era formar

peças que faziam parte das classes mais favorecidas financeiramente. Araújo (2007) relata que, nos anos 40, o grande esforço governamental da época era priorizar a educação das elites ao invés de incentivar a educação popular.

Diante do cenário educacional precário para as classes populares, conseguimos evidenciar, por meio de casos narrados pelos seis idosos pesquisados, que todos freqüentaram escola e apresentaram uma curta passagem pelas instituições de ensino, com exceção de uma das entrevistadas, que concluiu seus estudos de magistério. Os dados analisados indicam que essa passagem variou de um ano até seis anos.

Nos relatos dos seis idosos, constatamos que um idoso não concluiu a cartilha de ABC, ou seja o idoso não concluiu sua alfabetização. Quatro entrevistados concluíram até a 4^o série e uma terminou o antigo magistério. Todos relataram dificuldades em sua trajetória escolar, o que acabou influenciando no abandono. Estas dificuldades se caracterizavam por: a) distância das escolas para as suas casas; b) inacessibilidade do horário; c) falta de merenda escolar e d) o trabalho juvenil para ajudar no sustento da família.

Em relação às profissões que os sujeitos exerciam, uma foi professora formada pelo magistério, um foi carpinteiro, um foi marceneiro, um foi feirante, uma foi empregada doméstica e um foi pedreiro. Todos são oriundos de famílias de baixo poder aquisitivo.

Descrito os participantes da pesquisa, passamos para as recordações que eles tinham sobre sua escola. Começamos com Maria:

A minha escola era grupo quando eu morava em Benevides². Então... eu estudei, comecei a estudar com os meus 10 ou 11 anos. Já com os meus 13 anos, minha mãe estava muito doente, aí eu já parei de estudar para ajudar minha mãe, acabou o meu estudo, mas a essa altura eu já passado o primeiro ano todinho lendo, passei da carta de ABC para o meu primeiro livro "Gilberto de Carvalho". Até o nome do livro eu lembro. Veio o teste do primeiro, aí fui logo para o segundo! Nesse segundo, já ia para cursar a terceira e a quarta e com isso encerrou meu estudo (Maria).

A criação de grupos escolares em todo estado refletia a concepção dos primeiros governos republicanos no Pará. Esses grupos foram fundamentais para o incentivo a ampliação e qualificação do ensino, pois, como Costa e Correa (2010, p.6) relatam:

Antes o ensino era desenvolvido em casas escolas com limitados espaços e carentes de recursos principalmente no interior do Estado, os novos espaços escolares dos Grupos traziam a expectativa da formação aplicada.

Para compreender melhor o contexto dos grupos escolares, podemos avaliar que o Pará foi o terceiro Estado do Brasil a implantá-los, buscando se igualar aos dois primeiros grandes pólos do símbolo de desenvolvimento republicano através da educação (COELHO, 2008): São Paulo e Rio de Janeiro.

Segundo França (2013), o primeiro grupo escolar criado, no Estado do Pará, foi o do Município de Alenquer, em 1899. Em 1900, foram criados grupos nos Municípios de Curuçá, Bragança, Santarém, Soure e Cametá. Chaves e Silva (2012) relatam que os grupos escolares era um espaço em que os alunos seriam moldados para desenvolverem hábitos e atitudes. Era bem mais que um simples espaço de ensino/aprendizagem, pois, neles, a educação era aprimorada e a valorização do professor por meio de estratégias para os problemas educacionais da época era trabalhada.

Segundo Loureiro (2007), o cenário educacional da época era predominantemente um universo de não-letrados, em que a educação formal não era uma necessidade básica de todos os cidadãos. Era realmente necessária quando o sujeito tinha o interesse de ingressar no ensino superior e com poder aquisitivo.

Nesse período, é relevante que tenhamos uma clara concepção que educar se configurava como,

Transmissão de conhecimentos úteis dados pela instrução e implicava essencialmente a formação do caráter mediante a aprendizagem da disciplina social – obediência, asseio, ordem, pontualidade, amor ao trabalho, honestidade, respeito às autoridades, virtudes morais e valores cívico – patrióticos

necessários à formação do espírito de nacionalidade (SOUZA, 2004, p. 127).

Na fala de um de nossos participantes, seu Olindo, há uma relação, mesmo que não explicitada, entre os conhecimentos escolares e cotidianos:

A escola onde eu estudei foi onde eu nasci no calderona aquele povoado que tem no rio de Soure³, nesse rio, nessa beira desse rio morava uma série de moradores onde eu morei lá é mais assim para trás que fizeram o colégio a escola atrás dos povoados todinho, mas não tinha nome (Olindo).

Na fala de seu Olindo, podemos evidenciar que o sujeito vem de uma realidade rural ribeirinha, onde o rio era sua rua (“nesse rio, nessa beira desse rio morava uma série de moradores onde eu morei lá é mais assim para trás que fizeram o colégio a escola atrás dos povoados todinho, mas não tinha nome”). Nesse enunciado, podemos verificar que a realidade da educação ribeirinha se configura quase sempre de maneira precária, com salas multiseriadas, falta de merenda escola e difícil acesso ao ambiente escolar. No discurso do idoso, a escola, sem nome, se configura como um local construído pelas mãos dos próprios moradores da comunidade.

Para compreender melhor a realidade ribeirinha, é mister refletirmos que a vida interiorana representa uma série de dificuldades. Os sujeitos ribeirinhos vivenciam uma realidade sofrida de descaso por meio do poder público. Eles habitam os interiores do estado do Pará nas margens de rios ou de igarapés, quase sempre tendo que ter seus direitos secundarizados pelos governantes. Esse cenário caracteriza os modos de vida no interior amazônico. Em muitos estudos, essa precariedade social e educacional é destaque, fatores esses decisivos para a formação humana e educacional dos ribeirinhos (CAVALCANTE; WEIGEL, 2004).

Dando sequência aos relatos sobre a memória da escola dona Josete, na fala a seguir, destaca o ensino como prática rigorosa, mas permeada por amorosidade no colégio religioso que estudou,

O prédio que eu estudava era bonito: era eu estudei lá no Dom Bosco! Era colégio de freira, rigoroso, mas eu gostava muito das freiras. Sempre me trataram bem, gostam de mim: eram boazinhas! As freiras eram bem carinhosas, elas me tratavam bem! Eu sempre fui mimada, pois sou filha única e elas faziam todos os meus gostos (Josete).

A fala de Josete remete-nos à citação de Araújo (2007), para quem, no Brasil, nas décadas de 1940, havia projetos que defendiam uma educação escolar humanística a técnica ou científica, que enfatizavam os ensinamentos religiosos.

O colégio a quem dona Josete se refere, o Dom Bosco, é localizado em Belém. Configurava-se como uma escola de cunho religioso, coordenada por freiras e inspirado nos ideários pedagógicos de São João Bosco. Essa escola traça suas práticas pedagógicas desde 19 de março de 1919, como colégio particular que realiza uma educação pautada em princípios religiosos do catolicismo. É conduzido pelas irmãs da congregação filhas de Maria Auxiliadora.

Voltando à transcrição da fala da idosa entrevistada, podemos perceber a afetividade presente nas relações entre os educandos e as freiras (“[As freiras] *Sempre me trataram bem, gostam de mim: eram boazinhas*”/ “*Eu sempre fui mimada, pois sou filha única e elas [as freiras] faziam todos os meus gostos*”). Podemos destacar, aliás, que o referido era uma instituição de ensino privada, onde pessoas com um melhor poder aquisitivo poderiam frequentá-la.

Dando continuidade, abrimos espaço para a narrativa de seu Edemar, recordando que sua escola era conduzida por pessoas negras,

A minha escola era na casa de meia dúzia de pretinha. Eram seis pretinhos cabeça de pimenta do reino. Lembro que era professora do Rosário era lá na rodovia SENAP, aqui perto da Igreja do Perpétuo Socorro. Ali entrava burro e saía sabido (Edemar).

No discurso do idoso, as memórias de escolarização do idoso referem-se ao preconceito racial da década de 40 (“*A minha escola era na casa de meia dúzia de pretinha*”/ “*Eram seis pretinhos cabeça de pimenta do*

reino”/ “Ali entrava burro e saia sabido”). Infelizmente, esse preconceito racial e a fala discriminatória de desqualificação à pessoa negra perdura até hoje, em pleno século XXI.

De um modo geral, percebemos, pela transcrição da fala de Edegar, que a escola, naquela época, se configurava como um espaço peculiar e caseiro. Na época de escolarização em que o idoso esteve inserido, configurava-se por um período de tristes recordações da escola: um espaço pensado para os abastados financeiramente.

Dando continuidade às recordações do espaço escolar dos idosos, seu Marcos nos relata que sua vivência educativa esteve dividida em dois espaços escolares: a escola Barão do Rio Branco e o Instituto Lauro Sodré,

A escola que eu estudei era o Barão do Rio Branco. Lembro que eu gostava muito de escrever bilhete para minha namorada. Depois, fui para o Lauro Sodré: era um colégio interno e de lá eu só saía final de semana para visitar a família. Era uma escola pública (Marcos).

O grupo escolar historiado por Marcos, o “Barão do Rio Branco”, era uma instituição de educação formal que, segundo Pantoja (2011, p.6):

Grupo escolar Barão do Rio Branco espaço de educação formal, educação da gramática e da aritmética, das letras padronizadas e formalizadas em regras, das soletrações e raciocínios que buscava promover, em muitos alunos, a superação da origem mestiça e pobre.

O Instituto Lauro Sodré, segundo Costa (2011), era a escola profissionalizante do estado do Pará. Configurava-se, em relação à organização curricular, como grupo escolar.

Analisando o enunciado de Marcos, podemos destacar que o idoso-educando passou seu processo de escolarização nos colégios Barão do Rio Branco e no Lauro Sodré (“A escola que eu estudei era o Barão do Rio Branco”/“depois fui para o Lauro Sodré”) no colégio Lauro Sodré o entrevistado recorda que fez o curso de contabilidade, mas não conseguiu concluir, cursou apenas um ano e desistiu. O mesmo destaca que só via sua família aos finais de semana (“só saía final de semana para visitar a família”).

O entrevistado destaca que a falta de formação interferiu de forma negativa para sua vida profissional, pois devido à ausência de qualificação, o idoso se tornou pedreiro.

Com essa sequência de relatos tão significativos, refletimos que a valorização da memória do cotidiano desse sujeito teve resultado muito positivo. Entre os quais, podemos destacar que foi muito gratificante observar esses idosos dialogando suas experiências com liberdade e com uma rica descrição. Isso foi possível através de nossa escuta sensível, pois, como afirma Macêdo (2000, p. 63), “a valorização do cotidiano possui certa sabedoria que se consubstancia na crença de que, para que, uma mudança seja profunda, é necessário partir da intimidade das coisas, é preciso partir delas, conviver com elas”. A aproximação com os idosos e a escuta sensível de nossa parte nos possibilitou a recolha de dados sutis.

Analisada a transcrição da fala de Marcos, podemos passar para a de Dona Josete, que recorda que:

Eu era filha única. Não tinha nenhum tipo de dificuldade, problemas financeiros e minha única obrigação era estudar (Josete).

Dona Josete destaca que com uma realidade de vida diferenciada, por vir de uma família com certo poder aquisitivo. Durante a juventude, nunca precisou trabalhar (“*não tinha nenhum tipo de dificuldade*”/“*problemas financeiros*”) e dedicou-se exclusivamente aos estudos, sua única obrigação (“*minha única obrigação era estudar*”).

Seu José, mesmo se tratando de uma escola pública, destaca, em sua memória, bons momentos:

Um dos detalhes que eu mais gostava era que tinha merenda (hum muito bom), tinha merenda, a gente brincava de uma bola na hora da recreação, as coisas que ainda lembro são isso, eu era feliz (José).

Parecebemos, na fala de seu José, um tom descontraído e alegre em sua fala, pois havia merenda e a recreação também foi citada como uma hora de diversão (“*tinha merenda*”/“*a gente brincava de uma bola na hora da recreação*”).

Por tanto a ludicidade desenvolvida no momento de recreação era o que proporcionava alegria à seu José, o idoso ressalta com grande felicidade o fato da escola lhe apresentar merenda porque vem de uma realidade de vida bastante pobre, muitas vezes a merenda escolar seria sua única refeição do dia.

Já para seu Olindo, ele, em seu relato, disse que:

Eu ia para escola para evitar fazer um monte de coisa ou eu ia pra escola ou eu tinha que ir pescar ou caçar e ainda tinha que aprender as coisas com meu pai, como aprender a pescar, a saber das matas, das coisas e quando eu ia pra escola ficava lá das 7:00 as 11. Era sagrado: todo dia (Olindo).

No enunciado acima, a escola foi destacada como ponto de refúgio onde o idoso que relatou ir para o ambiente educacional afim de ter um momento para descansar. Percebe-se que o aluno vai à escola para fugir das tarefas domésticas: uma válvula de escape, uma fuga das tarefas familiares, onde o papel da criança pobre e ribeirinha era começar a trabalhar muito cedo para assim contribuir no sustento da família .

Quando questionados sobre o que a escola lhe proporcionou, os seis idosos destacaram que o espaço educacional trouxe a “decência”:

Para seu Olindo, a escola:

Me ajudou a prender muito eu andei tudo por aí e é muito triste a pessoa que não sabe escrever nem ler não sabe e sempre precisa de alguém que não sabe escrever nem seu nome e não sabe nada da leitura sempre alguém tem que ler o jornal para ele, e a gente tinha que acreditar porque não sabe ler (Olindo).

Seu Olindo reflete a educação como um instrumento que está inteiramente associado ao universo da leitura e da escrita e, quem não comunga desse conhecimento, acaba sendo excluído (“é muito triste a pessoa que não sabe escrever nem ler não sabe e sempre precisa de alguém”). Sobre esse assunto, Oliveira e Mota Neto (2004, p.113) esclarecem que:

A educação como estudo está associada à instrução, à leitura e à escrita [...]. Nesse sentido, a educação escolarizada acaba

sendo mais valorizada que a cultura da conversa e a consciência da exclusão e discriminação que sofre o analfabeto na sociedade letrada por isso ressaltam a importância da escola.

É necessário avaliar que a educação emancipatória rompe com a priorização da escrita e da leitura como instrumento de mera decodificação, pressupõe que o educando precisa ser respeitado em suas especificidades, busca a dialogicidade como ferramenta alfabetizadora que liberta e forma sujeitos autônomos. Segundo Valério (2011, p. 23),

A escola é democratizante é associada à ideia de escola da comunicação, devendo priorizar na formação do aluno a capacidade de expressão, de compreender as mensagens escritas e orais. É necessário trabalhar o diálogo, ensinando ao aluno a argumentar, analisar discursos e mensagens e principalmente a manejar a língua como instrumento de emancipação e autonomia.

Espaço de formação e modificadora do futuro, constatamos, além da fala de Olindo, que, no discurso de Edemar estão presentes algumas das características descritas por Valério (2011), como podemos ver a seguir:

Como lhe falei, a escola é o lugar onde a gente aprende tudo, e principalmente o conhecimento de como se comportar, como tratar alguém, na escola a pessoa entra burro e sai sabido (Edemar).

A fala acima, na escola, a pessoa entra burro e sai sabido, avaliamos que essa concepção era repassada pela educação bancária onde o aluno era visto como uma tabula rasa, negando todo conhecimento de mundo que o educando trazia consigo, nesse sentido a escola é vista como espaço de formação, espaço onde os alunos vão para procurar aprender tudo o que não sabem (*“a escola é o lugar onde a gente aprende tudo”*) e aprender as relações pessoais (*“como tratar alguém”*). Analisada a fala de seu Edimar, passamos para a próxima fala a ser analisada, a da Dona Josete, destaca o ambiente escolar,

Na época que eu era mais jovem [a escola] seria o meu porto seguro. Lugar de aprender o que não se sabe, lugar que eu gostava muito. Recebi um conhecimento muito maravilhoso (Josete).

No discurso de dona Josete, a escola é vista como “porto seguro”, um lugar aconchegante, a relação dela com o conhecimento é positiva pela sua estrutura financeira e familiar o que influenciou positivamente e decisivamente no processo de ensino aprendizagem da idosa. Podemos perceber que a juventude é permeada por relações afetivas (“*lugar que eu gostava muito*”) que fazem parte natural do percurso da vida. De modo parecido com a idosa, seu Marcos destaca:

Eu gostava tanto de namorar que, uma vez, um servente pegou um bilhete que eu tinha escrito para minha namoradinha e mandaram chamar meu padrinho que era responsável por mim. Nesse tempo eu queria mesmo era trabalhar para poder levar a namoradinha pra sair. Queria logo trabalhar e ter meu dinheiro (Marcos).

Nesse trecho, seu Marcos o quanto gostaria de ter dinheiro para levar sua namorada para sair (“*eu queria mesmo era trabalhar para poder levar a namoradinha pra sair*”) esse relato do idoso nos faz presumir que querer ter dinheiro para levar sua namorada pra sair foi uma das causas determinantes para seu abandono escolar.

Além dessa recordação, seu Marcos se lembra de:

Minha vida era uma vida boa, eu estudava e no meu aniversário, tinha festa, tinha bolo de tapioca mas como eu gostava muito de namorar. Eu me empreguei logo, isso me prejudicou mas eu ainda cheguei a fazer muitos cursos. Um deles foi de desenho artístico lá onde hoje é a Embrapa (Marcos).

Seu Marcos, acima, refere-se ao seu aniversário (“*no meu aniversário, tinha festa, tinha bolo de tapioca*”), fato que foi relatado com um grande sorriso e com um semblante feliz, ao recordar o curso de desenho artístico que fez.

Analisado os dados de seu Marcos, vamos ao Seu Olindo, que, em sua fala, é mais questionador:

Eu gostaria que tivesse pelo menos luz elétrica, naquele tempo não tinha essas coisas todas que tem hoje (Olindo).

No enunciado acima, seu Olindo leva o questionamento para o lado da infra-estrutura da escola e do local onde essa escola pertencia. Ele relata que seria bom, naquela época, ter luz elétrica, pois a falta de luz era uma das causas de grande tristeza. A fala do idoso nos remete ao fato de que na década de 40 a escola não tinha uma boa estrutura, falta de recurso e priorização da educação de pessoas que tinham um maior poder aquisitivo.

Em relação às escolas acima relatadas, podemos considerar que os idosos demonstram recordar delas. Porém, apresentam, em suas falas, uma curta passagem por elas, o que nos aponta para a necessidade de avaliar esse cenário educativo, que também faz parte da memória desses idosos. As escolas que eles frequentaram foram escolas públicas regulares, e proporcionaram momentos agradáveis que perpassam desde o fato de poder escrever um bilhete à namorada, como consta no relato de seu Marcos, até o fato de poder iniciar a leitura de seu primeiro livro.

O relato da trajetória educacional, apresentada pelos idosos desta pesquisa, nos proporcionou uma sequência de sentimentos, emoções, medos e anseios. Conhecer a trajetória escolar vivenciada por esses idosos e como ela influenciou em sua vida pessoal nos possibilitou uma elevação científica e humana.

A pesquisa demandou evoluirmos humanamente a ponto de avaliarmos, na narrativa dos idosos investigados, pontos cruciais e necessários para fortalecer o debate acadêmico de uma temática ainda pouco explorada: a memória de idosos.

Quando trouxemos, como problema central, identificar o que as memórias dos idosos atualmente moradores do Lar da Providência revelam sobre suas trajetórias escolares, nos delimitamos a conhecer um universo peculiar de experiências únicas que influenciaram em suas vidas de maneira positiva ou negativa. Aliás, quando nos propomos a conhecer como esses idosos experienciaram seu processo de ensino-aprendiza-

gem, acentuamos a relevância de analisar o período de escolarização, um período fundamental na vida do ser humano, em que muitos de seus conhecimentos e habilidades são desenvolvidos. Assim, quando esse idoso se dispôs a narrar sua experiência, ele nos disponibilizou muito mais do que sua voz: disponibilizou sua vida para que sua realidade fosse conhecida por todos e suas vozes, antes cerceadas, sejam de fato ouvidas pela sociedade que diariamente lhe exclui.

Quando escolhemos por objetivo conhecer como as ações de educação popular do NEP vem ressignificando a memória desses idosos, conseguimos perpassar pelo sentido amplo de formação humana, como um processo dialético e permanente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, podemos destacar que foi muito difícil adentrar nas recordações de idosos para conhecer aspectos que contribuíram para sua trajetória escolar. Em muitos momentos nos indagávamos: “conseguiria esta pesquisadora dados suficientes para a análise?”. Estas indagações possibilitaram inúmeras relaborações das estratégias metodológicas adotadas, acrescentando ou buscando novos caminhos, como os que foram feitos quando os primeiros dados iniciais começaram a emergir nas memórias dos idosos.

É relevante destacar que essa pesquisa só foi possível através do repensar excessivo de como dialogar com as recordações dos idosos sem que isso lhe trouxesse nenhum dano, respeitando os princípios estabelecidos nos riscos e benefícios quando este trabalho se configurava apenas como um projeto de pesquisa.

Dessa maneira, partimos do pressuposto do campo da memória de idosos, quando orientam que as pesquisas devem evidenciar as vozes silenciadas por uma sociedade que injeta no idoso em uma visão capitalista que ele é sujeito improdutivo por não gerar mais lucros ao sistema, uma vez que elas têm sido marginalizadas nas políticas e nas pesquisas.

Quando nos debruçamos para trazer à tona essas vozes, contribuimos, de alguma maneira, para o repensar da existência do idoso em sociedade, tentando promover sua inclusão e reconhecimento.

Cada idoso deixou um relato importante e de grande relevância para esta pesquisa. Percebemos, com base nos dados analisados, que essas pessoas têm muito a falar, porém, poucos estão dispostos a ouvirem. Sabemos, em contrapartida, que, na realidade, esse idoso tem direito de ser ouvido. Sua voz merece, por esse motivo, ser escutada cada vez mais em pesquisas acadêmicas, como esta.

É inevitável destacar que, nesta pesquisa, a amorosidade freireana que tomou conta a cada diálogo com os idosos. A escuta sensível fez com que eles se sentissem à vontade para relatar sua experiência. Ressaltando que não é fácil falar de algo que de alguma forma lhe trouxe sofrimento. Entre risos afetuosos e lágrimas doloridas, esta pesquisa se finaliza tentando deixar um leque de instigações e possibilidades para as futuras investigações que se interessarem por essa temática.

A partir dos dados analisados, também constatamos que cada idoso carrega consigo uma trajetória individual. Suas lembranças são elementos fortíssimos para efetivação da memória coletiva da sociedade. Esta dissertação, portanto, constituiu-se como um debate inicial que traz a relevância do idoso na sociedade, bem como a função social de sua memória.

Podemos destacar que, a partir desta pesquisa, tivemos como resultados o fato de os idosos: terem baixa escolaridade, possuírem memórias sobre a escola como uma instituição de ensino de espaço rígido, disciplinador e excludente. Os aspectos que influenciaram na trajetória escolar dos sujeitos alvo desta pesquisa são os mais distintos. Entre eles, destacamos: a necessidade de políticas públicas educacionais que fortaleçam a educação nos interiores do estado e na capital. A partir das entrevistas, percebemos como os idosos relatam a falta de infraestrutura escolar, como ausência de merenda, local distante, entre outros fatores responsáveis pela evasão escolar.

Compreendemos, a partir das falas dos idosos entrevistados, que todos avaliam a escola como um espaço rígido, mas único e precioso, que integra os conhecimentos educacionais, sociais e comportamentais e que forma pessoas mais preparadas para a convivência em sociedade, considerando que todos tiveram uma curta vida escolar na infância e adolescência.

Podemos também refletir, nesta pesquisa, que os idosos foram excluídos ou expulsos da escola, por motivos como: trabalho, pobreza, morte familiar, longa distância, falta de infraestrutura, merenda escolar. Constatamos, aliás, que, apesar da rigidez do ambiente escolar, os entrevistados lembram com afeto de suas professoras. Essa representação sobre a escola e o trabalho docente foi ressignificando a partir do trabalho do NEP, com sua educação dialógica e amorosa.

A partir das repostas dos problemas levantados pela pesquisa, concluímos que os idosos atendidos pelo NEP possuem uma breve trajetória no âmbito escolar e que esta foi permeada por práticas tradicionalistas, que concebiam a educação como aquela em que o aluno gravava as matérias e, se não decorasse de acordo com o que preconizava a educação bancária, acabava sendo punido por meio da citada “palmatória”. Portanto, a vivência de uma escola meritocrática influenciou e influencia hoje de maneira direta na vida dos idosos e nas atividades desenvolvidas pelo NEP na ILPI.

Como a análise indica nos relatos dos idosos, o trabalho do NEP proporciona aos idosos uma integração entre eles, rompendo com o espaço solitário e de abandono familiar em que os idosos estão inseridos.

Podemos concluir que muitos desses idosos tem, nas atividades do NEP, um momento de inclusão. Suas vozes são, de fato, ouvidas, em um espaço de reflexão, de debate e de amorosidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, P. **Representações sociais do analfabetismo na perspectiva de adultos não-alfabetizados**. 2004. 186f. Dissertação (Mestrado em Educação)

– Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2004.

ALVES, R. **A alegria de ensinar**. São Paulo: Ars poética, 1994.

ANDRADE, E. **Somando papéis sociais**: trajetórias femininas e seus conflitos. Salvador, 1992. Nº de f 217. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Bahia, 1992.

ARAÚJO, M. M. de. **Plasticidade do plano de reconstrução educacional de anísio teixeira** (1952-1964). *Educativa*, Goiás, v. 10, n.1, pp. 9-27, jul-ago 2007. Disponível em: <<http://seer.ucg.br/index.php/educativa/article/view/172/135>>. Acesso em: 10 mar. 2017

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê, 2003.

BRASIL. Lei nº1074/2003. **Estatuto do Idoso**. Brasília, 2006.

BRÊTAS, A. C. P. Envelhecimento e trabalho. In: OLIVEIRA, E. M. de; SCAVONE, L. (org.). **Trabalho, saúde e gênero na era da globalização**. Goiânia: AB, 1997.

CAVALCANTE, L. I. P.; WEIGEL, V. A. C de. **Educação na Amazônia: oportunidades e desafios**. 2004. Disponível em: <<http://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Educacao-Na-Amazonia-Oportunidades-e-Desafios/644053.html>>. Acesso em: 04 de maio de 2004.

CHAVES, E; SILVA, L. P. Aproximações sobre prescrições e práticas corporais nos grupos escolares de pirapora, januária e salinas: a educação dos corpos sertanejos –(1906 – 1927). **História e Cultura**, Franca, v.1, n.1, pp. 99-118, 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18223/hiscult.v1i1.568>>. Acesso em: out. 2015.

CANTINHO das Letras. **Dinâmica do coração**. Disponível em: <espalhandoletras.blogspot.com.br>. Acesso em: 25.07.2017.

FARES, Josebel. (org). **Memória de Belém de Antigamente**. Belém: Eduepa, 2010. Cap. Primeiro Desenho.

FRANÇA, M. do P. S. A. G. de. A Implantação dos Grupos Escolares no Estado do Pará. In: **Congresso Brasileiro de História da Educação**: circuitos e fronteiras da história da educação, 8., 2013. Cuiabá. **Anais...** Cuiabá: SBHE, 2013. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/>>. Acesso em: ago. 2014.

FREIRE, P. Papel da Educação na Humanização. **Paz e terra**, São Paulo, s/v, n. 9, p. 123-132, 1969.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 15ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 22ª Ed. São Paulo: Cortez, 1988.

FREIRE, P; BETTO, F. **Essa escola chamada vida**. 6ª Ed. São Paulo: Ática, 1988.

KAUARK, F.; MANHÃES, F. C.; MEDEIROS, C. H. M. **Metodologia da pesquisa**: guia prático. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LE GOFF, J. **Historia e memória**. Tradução Bernardo Leitão [et al]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LEAL, M. V. **As Vozes dos Sujeitos da Educação de Jovens e Adultos Sobre sua Trajetória Escolar**. N° de f. 96 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Centro de Ciências Sociais e Educação, Universidade do Estado do Pará, Belém, 2011.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LEONEL, M. C. Guimarães Rosa: sertão, memória e arquivo. **O eixo e a roda: revista de literatura brasileira**. v. 12, s/n, pp. 1-356, 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br>>. Acessado em 05/05/2015.

LIMA, Paula Garcia. Estudo **da memória e do conceito de design através das peças gráficas e fotografias do Parque Souza Soares (Pelotas, 1900-1930)**,

2010. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

NEVES, Margarida de Souza. **História e Memória: os jogos da memória**. In: MATTOS, Ilmar Rohloff (org.). Ler e escrever para contar: documentação, historiografia e formação do historiador. Rio de Janeiro: Access, 1998.

OLIVEIRA, I. A.; XAVIER, M. B. (orgs). **Palavra-ação em educação de jovens e adultos**. Belém: EDUEPA, 2002.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de Oliveira. **Saberes, imaginários e representações na educação especial: a problemática ética da “diferença” e da exclusão social**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

OLIVEIRA, I. A.; LOBATO, T. R. (org.). **Cartografia de saberes**: representações sobre a cultura amazônica em praticas de educação popular. Belém: EDUEPA, 2008.

OLIVEIRA, I. A. (org.). **Caderno de atividades pedagógicas em educação popular**: relato de pesquisas e de experiências dos grupos de estudos e trabalhos. Belém: EDUEPA, 2009.

OLIVEIRA, I. A. (org.). **Formação pedagógica de educadores populares**: fundamentos teórico-metodológicos freireanos. Belém: EDUEPA, 2011.

_____. A construção de categorias de análises na pesquisa em educação. In: MARCONDES, Maria Inês; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; TEIXEIRA, Elizabeth (org.). **Abordagens teóricas e construções metodológicas na pesquisa em educação**. Belém: EDUEPA, 2011.